



# Dissonância

*revista de teoria crítica*

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

<b>Título</b>	Teoria crítica e movimento de protesto
<b>Autor/a</b>	Theodor W. Adorno
<b>Tradutor/a</b>	<i>Mariana Fidelis e Yasmin Afshar</i>
<b>Fonte</b>	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v.3 n.2, Dossiê Theodor W. Adorno, 2º semestre de 2019, pp. 326-340.
<b>Link</b>	<a href="https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/3656">https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/3656</a>

Formato de citação sugerido:

ADORNO, Theodor W. “Teoria crítica e movimento de protesto”. Trad. Mariana Fidelis e Yasmin Afshar. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 3 n. 2., Dossiê Theodor W. Adorno, 2º semestre de 2019, pp. 326-340.

# **SOBRE A RESERVA DE ADORNO EM RELAÇÃO À PRÁXIS**

Apresentação da entrevista “Teoria crítica e movimento de protesto” de Theodor W. Adorno

Mariana Fidelis<sup>1</sup> e Yasmin Afshar<sup>2</sup>

A polêmica em torno dos movimentos de protesto marcou profundamente o último ano de vida de Theodor W. Adorno. Embora a relação com os estudantes tenha se deteriorado ao longo da segunda metade da década de 1960, certamente seus textos constituíam o repertório crítico do movimento estudantil, desde que a *Dialética do esclarecimento*, então esgotada, começou a circular em uma versão pirata. Ainda hoje, é difícil compreender como Adorno passou de um dos mentores intelectuais dessa geração para seu adversário. Retornar à entrevista “Teoria crítica e movimento de protesto”, cinquenta anos depois de sua publicação, é mais uma tentativa

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora do CEBRAP. Bolsista FAPESP. [mfidelis@usp.br](mailto:mfidelis@usp.br)

<sup>2</sup> Doutoranda da Universidade Humboldt de Berlim e associada ao Centro Marc Bloch (Berlim). [yasmin.afshar@cmb.hu-berlin.de](mailto:yasmin.afshar@cmb.hu-berlin.de)

de compreender esse grande desencontro histórico. Sua edição fornece, ainda, elementos para a reflexão sobre a ação do intelectual em contextos de acirramento social e, de maneira mais geral, para a relação entre teoria e práxis.

Em 1969, a Alemanha Ocidental passava por uma alteração da dinâmica das forças políticas. O partido social-democrata (SPD) compunha o governo democrata-cristão (CDU), formando a chamada *grande coalizão* desde 1966, enquanto novas correntes de oposição ao governo emergiam. A oposição extraparlamentar (APO) era composta por líderes estudantis da SDS, federação de estudantes socialistas que havia saído do SPD. Na mesma época, o partido de matriz neonazista (NPD) recém-fundado já obtinha cadeiras nos parlamentos regionais. Diante desse quadro, Adorno via um impasse prático: temendo que o fascismo ganhasse força novamente na Alemanha, ele hesitava em fazer críticas duras ao SPD; ao mesmo tempo hesitava em fazer críticas públicas à APO, por receio de se alinhar à extrema-direita (Adorno 1992: 79). Adorno havia se aproximado em várias ocasiões da APO e da SDS. Em particular, nas críticas contra as leis de emergência aprovadas pela grande coalizão, em protesto contra a repressão policial sobre os estudantes e contra a manipulação perpetrada pelo grupo editorial Springer.<sup>3</sup>

Apesar dos pontos de convergência e da proximidade com muitos líderes do movimento, Adorno recusava-se a

---

<sup>3</sup> A reconstrução histórica desses fatos assim como do que se segue está baseada nas biografias de Adorno (Müller-Doohm 2005, Jäger 2004), assim como nos documentos reunidos na Frankfurter Adorno Blätter VI (Adorno 1992).

apoiar a ação direta como método, o que considerava ser “violência contra violência”. Para ele, uma prática verdadeiramente transformadora apenas poderia ser uma prática não violenta, já que “o fim prático [...] não é indiferente aos meios que pretendem alcançá-lo” (Adorno 1995: 207). O “grande espanto” de Adorno diante das intervenções se devia à sensação de que os manifestantes tentavam coagir-lhe. Em junho de 1967, Adorno dava uma conferência sobre o “Classicismo em *Iphigenie* de Goethe”, na Universidade Livre de Berlim, quando um grupo ergueu uma faixa atrás dele com os dizeres “os fascistas de esquerda de Berlim saúdam Teddy, o classicista”. Os ativistas demandavam que Adorno colaborasse como testemunha no julgamento de um conhecido ativista, Fritz Teufel. Este havia sido preso sob a acusação de atirar uma pedra contra o Xá persa, durante as manifestações estudantis em protesto à presença do monarca em Berlim, que acabariam com o assassinato pela polícia do estudante Benno Ohnesorg. Adorno, que já havia manifestado sua indignação em relação à morte do estudante (Adorno 2003b: 145), negou-se a abandonar a conferência para defender Teufel. Para ele, aquele chamamento foi quase uma intimação, o que ele viria a chamar de “solidariedade unilateral” (Adorno 1992) ou de “imposições de solidariedade dos ativistas”, como na entrevista ora editada.

A escalada de radicalização do movimento estudantil foi acompanhada de um desgaste crescente na relação com Adorno, que havia manifestado anteriormente apoio ou empatia à causa dos estudantes diversas vezes. Quando, em dezembro de 1968, o prédio do seminário de sociologia da

Universidade de Frankfurt foi ocupado, Adorno e Jürgen Habermas chegaram a ir até lá discutir com os estudantes a reforma universitária, o sistema paritário (*Drittelparität*) e de avaliação. Um mês depois, em 30 de janeiro, os estudantes novamente tentaram ocupar o edifício e fizeram circular um panfleto em que expressavam a intenção de tirar todo o equipamento do edifício (“seus meios de produção”). Os professores responsáveis pelo seminário chamaram, então, a polícia para fechar os edifícios. No dia seguinte, estudantes, entre eles um aluno próximo de Adorno, Hans-Jürgen Krahl, tentam ocupar também o Instituto de Pesquisa Social. Adorno, então diretor do Instituto, e Ludwig von Friedeburg acionam a polícia e 76 estudantes são detidos. O fato de que Adorno não tenha retirado a queixa e tenha chegado a ir a tribunal contra Krahl permanece certamente incompreensível.

Nessa cisão profunda no interior da relação entre Adorno e os estudantes é possível notar que ele não só achava esses atos de ação direta totalmente inadequados, como também sentia que havia neles uma tentativa de lhe atingir pessoalmente. Foi o caso do episódio conhecido como “atentado dos seios” (*Busen-Attentat*), em 22 de abril de 1969, apenas cinco dias antes da entrevista aqui editada. Nessa ocasião, antes do início de sua aula, militantes da SDS exigiram que Adorno fizesse uma autocrítica com relação ao episódio da polícia e três mulheres despidas se aproximaram do professor. O grupo distribuiu, ainda, um panfleto pelo auditório lotado, com os escritos “Adorno como instituição está morto”. Em junho de 1969, depois de outras interrupções como essa, Adorno resolveu sus-

pendar o curso e viajou de férias para a Áustria, onde morreu apenas três meses depois.

Além do aspecto violento, outros fatores baseavam a contestação de Adorno sobre os movimentos de protesto enquanto práticas de fato transformadoras da sociedade. Para ele, as ações impositivas do movimento não deixavam de revelar algo da violência a que os próprios estudantes individualmente estavam submetidos, enquanto membros do coletivo. A não aceitação deste aspecto repressivo da coletivização em relação à determinação das consciências de seus integrantes é o que fomentava a crítica de Adorno ao comprometimento cego, isto é, o “apenas assinar em baixo”. Em contraposição a isso, ele reafirmava sua postura junto ao esclarecimento e a necessidade de autonomia como base de uma prática verdadeiramente libertadora. Sem isso, os movimentos estudantis seriam marcados por um sentido de alienação do indivíduo frente ao grupo e, dessa forma, apenas reproduziriam a situação regressiva e oprimida da subjetividade nas sociedades contemporâneas.

Podemos dizer que, em última instância, a avaliação categórica de Adorno dos movimentos de protesto como pseudoatividade está profundamente relacionada a um diagnóstico de tempo que não carrega ilusões. No texto “Notas marginais sobre teoria e práxis”, ao qual se refere no final da entrevista, ele afirma que construir barricadas é ridículo “contra os que administram a bomba” (1995: 217). Para Adorno, naquele momento, dado o processo de integração social da democracia liberal, a práxis estava bloqueada, e a revolução, fora de cogitação. Como comentaria Herbert Marcuse mais tarde, Adorno

considerava que as ações sem base social “não são expressões de esperança, mas expressões de desespero” e que, por essa razão, poderiam “muito facilmente favorecer o inimigo” (Marcuse 1971). A constatação adorniana das contradições objetivas e do avanço das condições técnicas do capitalismo, apontava, então, para o aspecto ilusório e ideológico do ativismo e de qualquer discurso que apele à prática de maneira voluntarista. A supervalorização da ação direta serviria como um gesto “complementar daquela impossibilidade (...) de que se estale uma revolução espontânea” (idem) e constituiria uma aparência de iniciativa e liberdade em meio a uma sociedade não-livre.

Desta maneira, Adorno não apenas ratifica na entrevista sua identificação com a teoria crítica, mas também reserva um lugar determinado para ela, longe de ter que fornecer instruções para ação ou se submeter à prática como critério de validação. Aqui encontramos, então, uma crítica ao primado da práxis, desenvolvida em outros textos do autor como uma compreensão dialética da relação entre teoria e práxis, em que não é possível reduzir um termo ao outro. À teoria compete a “análise da situação” de forma autônoma, de modo a não se eximir de denunciar a não-liberdade, onde quer que ela apareça. E isto seria, para ele, exatamente o contrário da resignação da qual é acusado: manter-se fiel a uma teoria crítica da sociedade. Tratar isso como resignação só faria sentido para quem não reconhece que toda teoria é também uma forma de práxis e carrega uma força produtiva, resistente e transformadora.

É relevante notar que não se trata de uma condenação absoluta e arbitrária da práxis, mas de uma constatação acerca

de seu bloqueio ou paralisia (Adorno 2009: 206) tendo em vista o momento histórico em que se encontrava. Trata-se, portanto, de uma posição temporária, de acordo com uma compreensão histórica da relação entre teoria e práxis – algo que Adorno indica já no final da entrevista. Isto é o que ele chama, em outros textos, de distância ou desconfiança e, durante a entrevista, de “*reserva com relação à práxis*” (*Züruckhaltung der Praxis*) – curiosamente dispensando o termo “aversão” (*Abneigung*), o qual o entrevistador insiste em utilizar.

Por fim, chama a atenção que, na entrevista, Adorno afirme a necessidade de limitação da ação ao âmbito da Constituição – algo surpreendente se comparado às diversas críticas à positivação do Direito como forma de manutenção das relações de poder existentes (Adorno 2009: 257). Poderíamos, talvez, encontrar no contexto de renascimento das forças nazistas uma razão para a recusa de uma saída mais radical, que compromettesse a estabilidade institucional recém-conquistada. Mesmo que explicitando os limites da chamada “comunicação”, sabemos que Adorno deixaria o caminho aberto para Habermas, que, por sua vez, viria a contribuir para o fortalecimento da União Europeia. Contudo, a radicalização dos grupos estudantis que se seguiria, na década de 1970, é um índice da crise do consenso social. Por seu lado, Adorno manteve-se crítico até o fim da vida, apontando para o antagonismo latente, sem “medo algum de contradições”.

*Recebido em 30/06/2019, aprovado em 11/11/2019 e publicado em 28/03/2020*



## Referências Bibliográficas

- ADORNO, T.W. *Frankfurter Adorno Blätter VI*. Göttingen: Edition Text + Kritik, 1992.
- \_\_\_\_\_. “Notas marginais sobre teoria e práxis”. In: T. W. Adorno. *Palavras e sinais: modelos críticos*. Trad. M. H. Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 202-229.
- \_\_\_\_\_. “Kritische Theorie und Protestbewegung”. In: T. W. Adorno. *Gesammelte Schriften. Band 20: Vermischte Schriften I/II (GS 20.1)*. Versão digital da edição das obras completas, sob licença da editora Suhrkamp (Digitale Bibliothek, vol. 97). Berlin: Directmedia, 2003a, p. 398-401.
- \_\_\_\_\_. “Über die Berliner Vorgänge”. In: T. W. Adorno. *Gesammelte Schriften. Band 20: Vermischte Schriften I/II (FAB I III)*. Versão digital da edição das obras completas, sob licença da editora Suhrkamp (Digitale Bibliothek, vol. 97). Berlin: Directmedia, 2003b, p. 145.
- \_\_\_\_\_. *Dialética negativa*. Trad. M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- JÄGER, L. *Adorno: A political biography*. New Haven, London: Yale University Press, 2004.
- MARCUSE, H. "Reflexion zu Theodor W. Adorno. Aus einem Gespräch mit Michaela Seiffe". In: H. Schweppenhäuser (org.). *Theodor W. Adorno Zum Gedächtnis: Eine Sammlung*. Frankfurt: Suhrkamp, 1971, p. 47-51.
- MÜLLER-DOOHM, S. *Adorno: A Biography*. Malden, Cambridge: Polity Press, 2005.

# TEORIA CRÍTICA E MOVIMENTO DE PROTESTO

Entrevista de Theodor W. Adorno  
ao *Süddeutschen Zeitung* em  
27 de Abril de 1969

*Tradução de Mariana Fidelis e Yasmin Afshar*

*Para o público em geral, existe uma impressão de que a atividade revolucionária de alguns grupos de estudantes remontaria, em parte, às proposições filosóficas que foram co-desenvolvidas e representadas pelo senhor. O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt é tido como pátria espiritual da “esquerda revolucionária”. Até que ponto esta perspectiva está correta?*

**Adorno:** A relação entre proposições de pensamento e consequências práticas sempre foi extremamente fraturada, ainda mais hoje. Robespierre usou indevidamente a *volonté générale* de Rousseau como justificativa para o Terror de sua turma. A teoria crítica, tal como foi desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa Social, em completa liberdade espiritual e autonomia, nunca se guiou pela sua aplicabilidade, tampouco se submeteu ao critério de aplicabilidade. Mal posso julgar quais de nossos temas teóricos influenciaram o movimento estudantil. Até

agora, ninguém conseguiu me mostrar um nexos realmente compreensível entre o ativismo [*Aktionismus*]<sup>1</sup> de hoje, que eu considero altamente problemático, e nosso pensamento. Ações irracionais, apartadas da teoria, a qual se difama, nunca estiveram no nosso propósito. A teoria crítica compreende como necessária precisamente essa análise da situação da qual o ativismo se dispensa para não ter de se dar conta da própria fragilidade [*Hinfälligkeit*]. A propósito, a tese de que desenvolvemos ideias que se viraram contra nós quando foram postas em prática é bastante popularizada, e provavelmente inventada, por aqueles que querem paralisar a liberdade do pensamento crítico com o gesto “Estão vendo!?”. Eu tenho tão pouca inclinação a me curvar a este gesto quanto [a ceder] às imposições de solidariedade dos ativistas [*Aktionisten*].

*Onde o senhor definiria o limite entre uma legítima transposição prática de sua teoria crítica da sociedade e uma falsificação do modelo de pensamento, baseada em incompreensão e ideologização – tal como a que Jürgen Habermas criticou?<sup>2</sup> Onde se encontra o ponto decisivo?*

---

<sup>1</sup> Em alemão existem as palavras *Aktivismus* e *Aktionismus*. Enquanto “*Aktivismus*” está mais próxima do sentido de “ativismo” (como ações sistemáticas e progressivas), “*Aktionismus*” corresponde ao que poderíamos entender como ação direta (ativismo sem mediação institucional), e carrega no alemão um sentido frequentemente negativo. O termo foi traduzido em inglês por “*actionism*” e, em espanhol, por “*accionismo*”. Seguimos, no entanto, a tradução brasileira corrente (Adorno 1995, Adorno 2018). [N.T.]

<sup>2</sup> Referência provável ao livro *Protestbewegung und Hochschulreform* publicado por Habermas em fevereiro do mesmo ano (Habermas 1969).

**Adorno:** Eu estou plenamente de acordo com a crítica feita por Habermas sobre a falsificação do pensamento crítico através do ativismo. Assim como ele, eu tomo o ativismo por pseudoatividade. O ponto de diferença decisivo é que, sob as condições sociais e técnicas do presente, a práxis transformadora é concebível apenas como não-violenta e inteiramente [inserida] no âmbito da Constituição.

*Em uma pesquisa deste jornal, na virada do ano de 1966/67, o senhor afirmou que sentia uma crescente aversão à práxis, em contradição com suas próprias posições teóricas.<sup>3</sup> É possível que os estudantes, cujas atividades revolucionárias você repreende, estejam apenas procurando uma saída para essa sua contradição e assim, como eles afirmam, apenas coloquem de modo consequente seus pensamentos em prática?*

**Adorno:** Minha crescente reserva [*Zurückhaltung*] com relação à práxis está menos associada ao meu desenvolvimento individual do que ao crescente caráter ilusório de tal práxis sob as condições atuais. Sem dúvida, os estudantes com boa fé procuram desesperadamente uma saída, mas eu considero que essa

---

<sup>3</sup> O jornal *Süddeutschen Zeitung* havia publicado a resposta de vários intelectuais para “Três perguntas na noite de ano novo de 1966”: “1. De que você mais riu em 1966?; 2. Qual manchete você mais gostaria de ler no jornal em 1967?; 3.– e o quê de fato depõe contra você?”. As respostas de Adorno para a pesquisa foram: “1. Um deputado eleito do NPD [Partido Nacional Democrático da Alemanha, de matriz neonazista] disse numa entrevista de rádio: ‘Vocês vão perder o riso’. Eu perdi muito antes, já nesse ano. A razão [para isso] não poderia ter sido expressa de maneira mais exata do que com esse ditame ameaçador. 2. Isso deveria ser de imediato evidente. Embora manchetes, em si mesmas (sobretudo com conteúdo especial) tenham algo de assustador. 3. Que sinto uma aversão crescente à prática, em contradição com minhas próprias posições teóricas.” (Adorno 2003b: 737). [N.T.]

saída está bloqueada. As consequências do ativismo apontam justamente para a direção que os estudantes, segundo sua consciência, menos querem. Ademais, eu não tenho medo algum de contradições. Elas podem estar na coisa, não necessariamente na pessoa. A força de um eu se mostra em sua capacidade de assimilar contradições objetivas em seu pensamento e não as afastar de modo violento.

*Além de sua aversão à práxis, seria a postura fundamental de resignação – atribuída à atual Escola de Frankfurt (por exemplo, por Georg Lukács e Leo Kofler), apesar de todo seu pensamento esclarecido, revolucionário e anticapitalista – uma razão para a relação conturbada entre professores e estudantes no Instituto de Pesquisa Social?*

**Adorno:** Considero que minha postura, assim como a de Horkheimer, mantém-se como o contrário de resignada – recentemente, dei uma conferência radiofônica sobre este ponto na *Sender Freies Berlin*, que deve ser publicada em breve.<sup>4</sup> Tentativas de constrangimento à ação – como quando queriam me forçar a fazer um parecer sobre o caso Teufel, há dois anos –<sup>5</sup> não me atingem. Eles [os estudantes] estão a serviço daquele tipo de coletivização que eu entendo como a coação de apenas assi-

---

<sup>4</sup> Refere-se à conferência “Resignação”, transmitida pela rádio *Sender Freies Berlin* em 9 de fevereiro de 1969 e publicada no mesmo ano (Adorno 2018).

<sup>5</sup> Refere-se à conferência “Classicismo da Ifigênia de Goethe” de 7 de junho de 1967 na Universidade Livre de Berlin, que foi impedida por um grupo de ativistas. Eles demandavam a colaboração de Adorno no caso do estudante Fritz Teufel, que encontrava-se preso sob a acusação de atirar uma pedra durante a manifestação do dia 2 de junho de 1967, por ocasião da visita do Xá persa à Berlin Ocidental (Cf. texto de apresentação da entrevista).

nar em baixo [*unterschreiben*], isto é, de comprometer-se [*verschreiben*] por inteiro. Não fazer isso é, precisamente, o que se encontra no conceito de esclarecimento ao qual eu me ateno. Minha relação com os estudantes não é mais debilitada do que costuma ser o caso em meio ao conflito dominante da universidade. Essa [relação] é discutida de maneira produtiva e objetiva, sem perturbação de ordem privada.

*O senhor é, enquanto professor universitário, também um educador. O senhor se sente atingido em seu senso de responsabilidade pedagógica com a acusação pública de ser um dos mentores da revolta estudantil? Falando de maneira mais simples: o senhor tem sentimento de culpa?*

**Adorno:** Eu não me sinto atingido em meu senso de responsabilidade pela revolta estudantil. Não tenho sentimento de culpa. Ninguém que tenha lido minhas coisas ou assistido minhas aulas e preleções poderia jamais interpretá-las como instrução para atos de violência. Em 1967, quando fui confrontado pela primeira vez, em Berlim, com uma manifestação que queria impedir uma conferência, não tive outro sentimento senão o de demasiado espanto.<sup>6</sup>

*Recentemente, o senhor se queixou: “Como eu poderia adivinhar que as pessoas quisessem realizar meus modelos teóricos com coquetéis Molotov?”. A perturbação na relação com seus estudantes lhe atinge pessoalmente? O senhor está desapontado?*

---

<sup>6</sup> Refere-se ainda ao caso narrado na nota anterior.

**Adorno:** Eu não estou desapontado. E, se a participação nos cursos diz alguma coisa, os estudantes também não estão. Eu continuo considerando o nível geral dos estudantes como extraordinariamente alto. Aí incluo também aqueles com os quais eu divirjo totalmente no que diz respeito à prática política.

*O senhor vai tirar conseqüências dessas experiências, quer dizer, vai considerar uma outra forma de mediação das suas concepções de teoria crítica social ou revisar sua relação com a práxis? Ou, ainda: sua relação com a “teoria crítica” se transformou nos últimos anos?*

**Adorno:** Eu não vejo motivo algum para reconsiderar a “forma de mediação” das minhas concepções de teoria crítica social. Uma tal mudança resultaria na adequação àquilo que hoje se adora chamar de comunicação: [resultaria] na diluição e redução do nível – o que eu certamente me recuso. Sobre a relação entre teoria e práxis, eu espero poder apresentar em breve algumas noções fundamentais, para além daquelas ditas na *Dialética Negativa*.<sup>7</sup> A relação inaugural da teoria crítica com estas [categorias fundamentais] evidentemente seguiu se desenvolvendo. Eu espero que, ainda hoje, nós não tenhamos nos acomodado em tais posições. Eu continuo me identificando com a teoria crítica, sem sentir qualquer necessidade de revisão.

---

<sup>7</sup> Referência ao texto “Notas marginais sobre teoria e práxis” publicado postumamente (Adorno 1995).

Original: *Kritische Theorie und Protestbewegung*. Aus: *Theodor W. Adorno, Gesammelte Schriften in 20 Bänden - Band 20.1. Vermischte Schriften I. Theorien und Theoretiker. Gesellschaft, Unterricht, Politik*. S. 398–401. © Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main 1986. All rights reserved by and controlled through Suhrkamp Verlag Berlin.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W. “Notas marginais sobre teoria e práxis”. In: T. W. Adorno. *Palavras e sinais: modelos críticos*. Trad. M. H. Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 202-229.

\_\_\_\_\_. “Kritische Theorie und Protestbewegung”. In: T. W. Adorno. *Gesammelte Schriften. Band 20: Vermischte Schriften I/II (GS 20.1)*. Versão digital da edição das obras completas, sob licença da editora Suhrkamp (Digitale Bibliothek, vol. 97). Berlin: Directmedia, 2003a, p. 398-401.

\_\_\_\_\_. “Drei Fragen in der Silvesternacht 1966”. In: T. W. Adorno. *Gesammelte Schriften. Band 20: Vermischte Schriften I/II: Umfragen (GS 20.2)*. Versão digital da edição das obras completas, sob licença da editora Suhrkamp (Digitale Bibliothek, vol. 97). Berlin: Directmedia, 2003b, p. 737.

\_\_\_\_\_. “Resignação”. Trad. F. Catalani. In: *Cadernos de filosofia alemã: crítica e modernidade* v. 23.1 (jun. 2018), p. 111-115, 2018.

HABERMAS, J. *Protestbewegung und Hochschulreform*. Frankfurt: Suhrkamp, 1969.